

Por um marxismo libertário? Possibilidades e obstáculos do diálogo entre marxismo e anarquismo

Felipe Castilho de Lacerda¹

Resumo: Partindo da ideia disparadora da polêmica entre Michael Löwy/Olivier Besancenot e René Berthier acerca das relações entre o anarquismo e o marxismo, busco indagar sobre as afinidades entre as duas famílias revolucionárias observando alguns exemplos históricos do movimento social brasileiro: 1. O possível “anarcobolchevismo” no movimento social brasileiro dos anos 1920; 2. A passagem do anarquismo para o marxismo da parte de um militante proeminente dos anos 1910-1920, Octávio Brandão. Destarte, muito menos que uma resposta especulativa, examino alguns aspectos das relações entre marxismo e anarquismo de um ponto de vista histórico. Trata-se, portanto, de observar os agentes históricos e suas relações com a questão levantada.

Palavras-chave: Marxismo; Anarquismo; Comunismo; Cultura Política; Movimento Operário.

Aiming to a libertarian marxism? Possibilities and obstacles for a dialog between marxism and anarchism

Abstract: Departing from the polemics between Michael Löwy/Olivier Besancenot and René Berthier about the relation between anarchism and marxismo, I intend to question the affinities between those two revolutionary families taking a look over some historical examples in the Brazilian social movement: 1. The possible “anarchobolshevism” in Brazilian social movement in the 1920’s; 2. The passage from anarchism to marxismo held by a prominent militant from the 1910’s and 1920’s, Octávio Brandão. Therefore rather than a speculative response I seek to investigate some aspects of the relations between marxismo and anarchism from the point of view of history. So that it is a matter of observation of the historical agents in their relations with the question in view.

Keywords: Marxism; Anarchism; Communism; Political culture; Worker Movement.

¹ Mestre em pelo Programa de História Econômica da USP. Doutorando pelo mesmo programa. Foi bolsista Capes.

Começamos por uma anedota. Durante as manifestações contra a realização da Copa do Mundo de futebol em 2014 no Brasil, a repressão estatal foi feroz e diversos manifestantes foram presos. Uma figura chamou a atenção por sua singularidade. Rafael Lusvargh servira corporação militar e fora mesmo membro da legião estrangeira. Mas para as esquerdas ficou célebre, e tornou-se mesmo uma piada repetida, sua resposta à uma pergunta que interrogava sua posição ideológica: “Eu diria anarquista se achasse que funciona, mas é uma utopia. Então eu me classifico como stalinista”². E surgia na boca do excêntrico lutador a curiosa definição do “anarcostalinismo”...³

Para além de histórias pitorescas, pode-se observar na história do movimento revolucionário desde muito cedo a reflexão sobre o envolvimento entre anarquismo e marxismo. Já em 1908, o anarquista italiano Luigi Fabbri comentava a relação entre as duas tendências do pensamento e ação revolucionários. Para ele, havia um fim comum, cujo caminho seguia veredas divergentes⁴. Por sua vez, José Tato Lorenzo, anarquista espanhol radicado no cone sul (Montevideu, Buenos Aires, Rio de Janeiro), indagava em sua brochura publicada no Uruguai em 1919 sobre as diferenças entre *Maximalismo e Anarquismo*⁵. Partindo de uma crítica anarquista, Lorenzo afirma:

Mas a falar a verdade, a maioria dos operários e dos burgueses não sabem claramente o que é o maximalismo; do mesmo modo não sabem o que é anarquia. Esta ignorância é que explica a confusão lamentável que fazem os amigos e inimigos do progresso social, irmanando dois ideais contraditórios como objetivo de idêntica finalidade: a revolução libertária⁶.

É difícil saber até que ponto a militância operária do início do século XX tinha clareza dos ideais político-ideológicos que guiavam as lideranças do movimento social. Mas, a confiar na inquietação do experiente militante, havia um terreno mais obscuro e

² Kleber Tomaz, “Ativista solto após 45 dias preso quer combater na Ucrânia com separatistas”, G1 São Paulo. 9.8.2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/ativista-solto-apos-45-dias-presos-quer-combater-na-ucrania-com-separatistas.html>. Acessado em 16.7.2017.

³ Mais tarde, Rafael Lusvargh integraria as forças pró-russas em luta na Ucrânia.

⁴ Vadim Damier, “Philippe Kellermann (ed.): *Begegnungen feindlicher Brüder. Zum Verhältnis von Anarchismus und Marxismus in der Geschichte der sozialistischen Bewegung*. Vol. 1 & 2” [review in German]. *The International Newsletter of Communist Studies*, [S.l.], p. 131-135, June 2016. ISSN 1862-698X. Available at: <<http://incs.ub.rub.de/index.php/INCS/article/view/474>>. Date accessed: 16 July 2017.

⁵ José T. Lorenzo, *Maximalismo y Anarquismo. Estudio Critico Comperativo*, Montevideo, “El Hombre”, 1919. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10622/A0F78EDD-5868-44CB-8B44-576564BE1340>. Acessado em 15.7.2017. A brochura seria pronto publicada no Rio de Janeiro, com um texto de Ricardo Mella como apêndice. José T. Lorenzo, *Maximalismo e Anarquismo*, Rio de Janeiro, Biblioteca de Estudos Sociaes, 1920. Biblioteca Edgard Carone do Museu Republicano “Convenção de Itu”.

⁶ José T. Lorenzo, *Maximalismo e Anarquismo*, pp. 5-6.

nebuloso do que quer fazer crer parte da literatura. Isso não quer dizer que se deva concordar com dois ramos da historiografia, tanto a anarquista quanto a comunista, que trataram a militância do período 1917-1920 como um grupo de indivíduos enganados e mal informados sobre os reais caminhos da Revolução Russa de 1917. Trata-se de mirar a partir de um outro ângulo.

René Berthier criticou os autores da reflexão sobre a história do anarquismo, *Black Flame*, por criarem conceitos que não respondem devidamente à história do movimento libertário. Em lugar desses conceitos, o anarquista francês apontou como mais adequada uma metodologia que aposte menos na história das ideias e dos movimentos, a favor de uma que jogue luz sobre as práticas militantes⁷. Poder-se-ia apontar, outrossim, uma melhor adequação de um ponto de vista metodológico que aborde as culturas políticas no processo histórico. Serge Bernstein assinala, apoiando-se em Jean-François Sirinelli, que o método que trabalha com a ideia das culturas políticas envolve o estudo de um conjunto de códigos e referenciais partilhados por determinados grupos no campo da política⁸.

Partindo da ideia disparadora da polêmica entre Michael Löwy/Olivier Besancenot e René Berthier acerca das relações entre o anarquismo e o marxismo, optei por indagar sobre as afinidades entre as duas famílias revolucionárias observando alguns exemplos históricos do movimento social brasileiro: 1. O possível “anarcobolchevismo” no movimento social brasileiro dos anos 1920; 2. A passagem do anarquismo para o marxismo da parte de um militante proeminente dos anos 1910-1920, Octávio Brandão. Destarte, muito menos que uma resposta especulativa, gostaria aqui de examinar alguns aspectos das relações entre marxismo e anarquismo de um ponto de vista histórico. Trata-se, portanto, de observar os agentes históricos e suas relações com a questão levantada.

Afinidades Eletivas: Marxismo e Anarquismo

As divergências entre correntes marxistas e anarquistas se desenvolvem praticamente desde a cristalização dessas tendências do socialismo há cerca de um século e meio. Já as convergências entre defensores da bandeira vermelha e da bandeira

⁷ René Berthier, “Sobre *Anarquismo e Mudança Social* de Gaetano Manfredonia”, *Erva Rebelde*, n. 1, Porto, abril de 2017, p. 41.

⁸ Serge Bernstein, “A Cultura Política”, em Jean-Pierre Rioux & Jean-François Sirinelli, *Para uma História Cultural*, Lisboa, Editorial Estampa, 1998, pp. 349-363.

negra acabaram por ser minimizadas frente à importância atribuída aos embates, acabando por entrarem no enorme porão dos fatos esquecidos da história. É para levantar as (possíveis) convergências entre anarquistas e marxistas da segunda metade do século XIX até os dias de hoje que Michael Löwy e Olivier Besancenot brandiram suas penas em *Afinidades Revolucionárias*.

Além de um prefácio e uma conclusão, o texto está dividido em quatro capítulos, os quais possuem suas próprias subdivisões. A escrita, contam-nos os autores no prefácio, foi dividida entre ambos, com a exceção de dois textos pessoais: uma “carta” a Louise Michel, do punho de Besancenot e uma descrição biográfica de Benjamin Péret, de Löwy. Ainda que os capítulos possuam lógica interna, o livro não tem propriamente um fio condutor cronológico ou teórico. Apresenta-se muito mais como uma constelação de eventos e personagens que demonstram momentos e possibilidades de convergência entre as estrelas vermelha e negra.

O primeiro capítulo, “Convergências solidárias”, está dividido em duas partes: a narração de seis eventos históricos em que se pode notar alguma convergência entre marxistas e anarquistas e o retrato de sete figuras que poderiam ser apropriadas pelas duas famílias revolucionárias. Este primeiro capítulo, disposto em sequência cronológica, dá-nos as bases históricas para pensarmos o sentido em que se pode dar um trabalho comum entre anarquistas e marxistas.

O primeiro evento narrado, a I Internacional e a Comuna de Paris, é de importância fundamental: trata-se de um momento em que houve trabalho conjunto entre correntes diversas do movimento operário na primeira associação internacional dos trabalhadores, cuja fundação completou 150 anos em 2014, e na primeira experiência de poder popular. É de se notar a cooperação entre Leo Frankel, amigo próximo de Marx e Eugène Varlin, proudhoniano de esquerda, na reorganização da seção francesa da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e, posteriormente, na Comuna de 1871. Não se nega, é claro, a existência de conflitos entre as correntes. Houve tensão com os partidários de Marx na AIT a partir da adesão de Mikhail Bakunin em 1868 e a vitória das teses libertárias no Congresso da Basileia em 1869. Mas mesmo na infundável querela entre partidários do pensamento de Marx e de Bakunin, é preciso ter cuidado e compreender a complexidade das vertentes do pensamento socialista. Löwy e Besancenot levantam as interpretações de Marx e de Bakunin acerca da Comuna de Paris. Um deles aponta que teria sido necessário opor um Estado e um exército revolucionários ao Estado e ao exército de Versalhes; o outro interpreta a

Comuna como uma revolução *contra* o Estado. Conhecendo as querelas entre marxistas e bakuninistas de mais de um século, poderíamos facilmente tomar a primeira proposta como a de Marx e a segunda a de Bakunin. Mas logo os autores lembram que o conhecedor e a conhecedora das obras destes revolucionários do século XIX saberão que a primeira interpretação é de Bakunin, em *A Comuna de Paris e a noção de Estado* e a segunda de Marx, em *A Guerra Civil na França...*

Os demais eventos históricos narrados lembram ainda outros momentos que podem ser interpretados como convergências entre libertários e marxistas. Os autores passam pelo episódio dos mártires de Chicago, de 1886, evento que dá origem à celebração do 1º de Maio como dia da trabalhadora e do trabalhador; pela evolução do sindicalismo revolucionário e a declaração da Carta de Amiens, em 1906, momento importante pela proclamação intransigente da auto-representação da classe operária; pela revolução espanhola, intitulada revolução “vermelha e negra”; pelo Maio de 68, com a atuação tanto de Cohn-Bendit quanto de Daniel Bensaïd; e finalmente pelo período atual reconhecido como “do altermundialismo aos Indignados”. Este último conjunto de fatos narrados põe em relevo que a atuação conjunta entre marxistas e anarquistas não se trata apenas de uma proposta para o futuro, mas de um fenômeno observável em alguns dos importantes movimentos das primeiras décadas do século XXI: das grandes manifestações de Seattle ao Reclaim The Streets londrino; dos Indignados espanhóis ao Movimento Passe Livre brasileiro.

Passando dos fatos históricos aos indivíduos, Besancenot e Löwy levantam trajetórias que demonstram possíveis confluências entre a atuação de marxistas e anarquistas. Destacam-se aqui dois textos em primeira pessoa assinados pessoalmente pelo respectivo autor: uma “carta” dirigida por Olivier Besancenot à grande figura da Comuna de Paris, Louise Michel; e um texto biográfico do surrealista Benjamin Péret, de autoria de Michael Löwy. De não menos importância são as demais figuras mencionadas, como a marxista Rosa Luxemburgo e a anarquista Emma Goldman; além de Pierre Monatte, Buenaventura Durruti e o mais conhecido pelos militantes da última geração, o Subcomandante Marcos.

O segundo capítulo, “Convergências e conflitos”, é talvez o que levante os pontos mais polêmicos, deixando os autores mais vulneráveis à crítica vinda tanto de anarquistas quanto de marxistas. O capítulo trata das diferentes interpretações quanto à atuação de bolcheviques e anarquistas na revolução russa e, como continuação desta, nos episódios de Kronstadt e da Makhnovichtchina. Levantando os dois pontos de vista

sobre os conflitos, os autores claramente não buscam construir um artificial meio termo interpretativo, mas apenas levantar o que se podem considerar erros e acertos de ambos os lados, buscando a melhor compreensão dos eventos, algo difícil ao se tratar de temas tão sensíveis. No que tange às interpretações sobre a repressão bolchevique aos marinheiros de Kronstadt e à Maknovchtchina, Besancenot e Löwy se apoiam também em alguns relatos que destoam das interpretações canônicas marxista e libertária, em especial em Victor Serge.

O título do terceiro capítulo denuncia a interpretação que os autores do livro propõem sobre as obras e trajetórias de três importantes figuras: “Alguns pensadores marxistas libertários”. Walter Benjamin, André Breton, Daniel Guérin. Cada um a seu modo, os três intelectuais expressaram a confluência vermelha e negra. Em Benjamin, vê-se a citação clara e aberta ao anarquismo em alguns de seus escritos de juventude. Segundo Besancenot e Löwy é em seu escrito de 1929 acerca do surrealismo que se mostra mais claramente a postura marxista libertária de Benjamin. Em seus últimos escritos já não se poderia mais ver referências diretas ao anarquismo. No entanto, como observaram os autores, alguns comentadores da obra de Benjamin notariam ainda nos textos tardios uma convergência entre a “sobriedade” marxista e a “euforia” (*ivresse*) anarquista.

Se Benjamin mostra mais claramente sua referência libertária em um escrito sobre o surrealismo, não é coincidência que André Breton, personagem central do surrealismo, tendo escrito dois *Manifestos do Surrealismo* (1924 e 1930), figure entre os “marxistas libertários” nas linhas de Löwy e Besancenot. Sempre guardando para si o direito de crítica, Breton adere abertamente ao materialismo histórico, em especial no *Segundo Manifesto do Surrealismo*. Breton e o surrealismo em geral vão encarnar o que os autores chamam um “marxismo romântico” (tema caro a Michael Löwy, em coautoria com Robert Sayre, em *Revolta e Melancolia*): “[...] um marxismo fascinado por certas formas culturais do passado pré-capitalista, mas que transforma esta nostalgia em força no combate pela transformação revolucionária do presente” (p. 151). Breton adere ao PCF em 1927, mas rompe definitivamente com o stalinismo em 1935. Em 1938, André Breton visita Leon Trotsky no México, onde redigem o importante apelo “Por uma arte revolucionária independente”, texto que integra a necessidade de ação conjunta entre marxistas e anarquistas. É após a Segunda Guerra Mundial que o surrealista se interessará mais pelo anarquismo, nunca perdendo seu posicionamento marxista revolucionário.

Por fim, Daniel Guérin é apresentado como uma das principais figuras que, como reação à cisão definitiva entre marxistas e anarquistas após a Revolução de 1917, apresenta disposição ao reencontro das duas famílias revolucionárias. Iniciando sua militância nos anos 1930 nas fileiras marxistas, Guérin mais tarde vai aderir ao anarquismo, sobretudo após o grande impacto que lhe causa a leitura de Bakunin nos anos 1950. Em algumas de suas obras, o anarquista francês irá buscar os pontos de reconciliação possível entre pensamento e ação libertários e marxistas, como em *Irmãos gêmeos, irmãos inimigos*, de 1966. Considerado ato de absoluta atualidade por Besancenot e Löwy, Guérin postulou a necessidade de que o marxismo tomasse “um banho de anarquismo”, do qual sairia certamente regenerado.

Finalizando o livro, o quarto capítulo, “Questões políticas”, busca fazer propostas de leituras e releituras sobre sete temas de constante divergência entre marxistas e libertários. Os temas vão da relação entre “indivíduo e coletivo” à relação entre “sindicato e partido”; de “autonomia e federalismo” a “democracia direta e democracia representativa”; além de “planificação democrática e autogestão”, “ecossocialismo e ecologia libertária” e a questão, “fazer a revolução sem tomar o poder?”. Este último capítulo é o mais diretamente propositivo do livro, discutindo em grande medida alguns aspectos do debate sobre formas de organização bastante presente nos meios da esquerda militante. Característica marcante é a proposição de Besancenot e Löwy da necessidade de uma democracia radical e pluralista, proposição que perpassa diversos aspectos da discussão organizativa. Aqui, mais uma vez, não se percebe intenção em criar meios termos ou conciliações do inconciliável, mas sim, adentrando em algumas das principais polêmicas – teóricas, filosóficas e político-organizativas – que dividiram a militância e a intelectualidade marxista e anarquista, pôr em relevo as interpretações mais adequadas de ambos os lados.

Por fim, a conclusão do livro está atada a uma palavra de ordem concreta: “Por um marxismo libertário”. Este não deve ser visto, segundo os autores, como um conjunto doutrinário ou um *corpus* teórico fechado: não há um *único* marxismo libertário, mas uma miríade de tentativas de juntar os pontos das duas grandes tradições revolucionárias.

Os autores buscam ainda deixar claro seu ponto de partida: são, por formação, marxistas. Na proposta apresentada por Olivier Besancenot e Michael Löwy de um “marxismo libertário”, em que se beba igualmente nas fontes marxista e anarquista, a relação entre substantivo e adjetivo e a trajetória prévia dos autores nos demonstram de

onde ela parte e em que sentido se guia. Olivier Besancenot é formado em história e funcionário dos serviços postais franceses por profissão. No início dos anos 1990 passou a militar na Liga Comunista Revolucionária (LCR), tendo sido candidato à presidência da república francesa pelo partido trotskista em 2002 e 2007. Em 2009, participou da fundação do Novo Partido Anticapitalista (NPA), integrando sua direção. Já o sociólogo brasileiro radicado na França, Michael Löwy, dispensa maiores apresentações, importando sobretudo notar que ao longo de sua trajetória agregou as notórias influências de Leon Trotsky, Rosa Luxemburgo e Georg Lukács além de, como se pode notar passando os olhos por sua vasta obra, nutrir grande interesse pelo surrealismo de André Breton, pelo pensamento de Che Guevara, pela relação entre o romantismo e o pensamento revolucionário entre diversos outros temas. Referências diversas que aparecem em *Afinidades Revolucionárias*⁹. Assim, é bastante claro que a proposta de um “marxismo libertário” – e não de um “anarquismo marxista” – parte das penas de dois marxistas de tendências revolucionárias. O que, é claro, não deve restringir a possibilidade de que anarquistas venham a aderir a perspectivas semelhantes. Os próprios autores apontam na conclusão alguns grupos de militantes e intelectuais de tendência anarquista diretamente interessados na *démarche* do marxismo libertário, como alguns membros de *Alternative libertaire*, por exemplo.

A tais proposições de Michael Löwy e Olivier Besancenot, René Berthier respondeu por meio de seu *Affinités non électives*, cujo subtítulo é elucidativo: “A propósito do livro de Olivier Besancenot e Michael Löwy”¹⁰. Apesar de Berthier não apresentar o livro exatamente como uma “resposta”, a obra apresenta um diálogo do ponto de vista de um libertário. Bastante reticente com a forma da discussão consubstanciada em *Afinidades Revolucionárias*, a visão de Berthier sobre as possibilidades e obstáculos do diálogo entre anarquistas e marxistas se encontra bem resumida num trecho de uma entrevista concedida pelo autor a *Le Monde libertaire* e publicada recentemente na revista *Mouro*. Por isso, apresentamos o trecho a seguir, apesar de sua extensão:

⁹ Sobre a trajetória de Michael Löwy ver a entrevista concedida pelo sociólogo a Ana Vlória Cruz e Yuri Martins Fontes e publicada no número 8, de dezembro de 2013, da revista *Mouro*.

¹⁰ René Berthier, *Affinités non électives : A propos du livre d'Olivier Besancenot et Michaël Löwy, Pour un dialogue sans langue de bois entre libertaires et marxistes*. s/l: Éditions du monde libertaire/Les éditions libertaires, 2015.

Pessoalmente, sou favorável ao diálogo e à reflexão, mas não acho que o livro de Besancenot e Löwy seja um convite ao diálogo. E depois, tudo depende sobre o que incide esse diálogo. Se se trata de questões de ação cotidiana, veremos: veremos ao avançar.

- Se é sobre questões teóricas, o diálogo me parece possível se chegarmos a falar da mesma coisa, mas é aí que reside o problema: a história, francamente cômica, de Lenin que quer dar o poder à base dá a medida do problema: o pior é que eu acredito que Besancenot e Löwy acreditam realmente no que dizem.

- Se é sobre questões estratégicas, forçoso é constatar que Affinités révolutionnaires age como um funil: sem perceber o leitor é impelido à base do funil, para a parte estreita e se vê confrontado à única solução possível: a participação na estratégia eleitoral. Nisso, não podemos estar de acordo.

Insisto sobre o fato de que os anarquistas não se opõem ao sufrágio universal como tal. Mas Bakunin dizia que não se emancipará jamais o proletariado enviando deputados ao Parlamento. Sem dúvida o NPA o sabe bem, mas justamente: obstinando-se em apresentar candidatos a cada eleição (e mobilizando permanentemente os militantes nessa tarefa estéril), eles não fazem senão afiançar o sistema. Acredito que o movimento revolucionário deveria seriamente se colocar três questões:

- Qual é a viabilidade hoje de uma “revolução” no sentido que a entendemos até o presente?

- A alternativa tática não seria o investimento dos militantes em todas as estruturas da sociedade civil?

- Qual poderia ser uma verdadeira estratégia revolucionária para o século XXI?

Estou convencido de que sobre essas três questões um diálogo é de fato possível.

A discussão entre Löwy/Besancenot e Berthier nos direciona ao questionamento sobre os contatos entre marxistas e libertários na história do movimento social brasileiro.

O “Anarcobolchevismo” Brasileiro

Em uma resenha crítica da série de volumes coordenada por Philippe Kellermann, *Begegnungen feindlicher Brüder. Zum Verhältnis von Anarchismus und*

Marxismus in der Geschichte der sozialistischen Bewegung, Vadim Damier aponta que “faltam, entre outros, aspectos da história das relações entre os citados irmãos ‘inimigos’, tais quais o fenômeno do ‘anarcobolchevismo (na Rússia, na América Latina e em outros lugares)”¹¹. O pesquisador argentino Andreas L. Doeswijk analisou o importante fenômeno dos assim chamados “anarcobolcheviques” nos territórios banhados pelo rio da Prata¹². Abre-se, dessa forma, uma janela para pensarmos a história do movimento social no período de fins dos anos 1910 e início da década de 1920: teria havido um “anarcobolchevismo” no Brasil?

O movimento operário brasileiro se desenvolveu sobretudo a partir da primeira década do século XX e os marcos principais foram os Congressos Operários Brasileiros em 1906, 1913 e 1920, cuja hegemonia foi sempre sindicalista revolucionária. Jornais operários e anticlericais foram publicados em profusão, no seio dos quais se forjou grande parte da liderança operária mais destacada como Benjamin Mota, Neno Vasco, Edgard Leuenroth, Everardo Dias, José Oiticica, Astrojildo Pereira e muitos outros.

Como afirmou Eric Hobsbawm, “a revolução foi filha da guerra no século XX: especificamente a Revolução Russa de 1917 [...] porém mais geralmente a revolução como uma constante global na história do século”¹³. Apesar da posição marginal ocupada pelo país no sistema-mundo e no conflito beligerante, podem-se observar os efeitos da guerra no Brasil com uma onda de ascensão do movimento operário brasileiro no período 1917-1919, diretamente afetada pela Guerra Mundial e seus corolários econômicos, políticos e sociais. Apesar da decomposição geral do movimento na década seguinte, este foi o berço onde se gestaram as condições de surgimento da seção brasileira da Internacional Comunista.

O desejo de laços mais sólidos que conectassem as organizações de luta – entre aqueles que acreditavam na necessidade da organização especificamente anarquista – levou à construção da Aliança Anarquista, em 1918. Em julho do ano seguinte, a Primeira Conferência Comunista do Brasil, organizada por José Oiticica e Astrojildo Pereira, com auxílio de outros militantes, levou à fundação do Partido Comunista do Brasil, “nos moldes propostos por Malatesta em seu programa anarquista”¹⁴. Apesar de a

¹¹ Vadim Damier, *op. cit.*, p. 134.

¹² Andreas Doeswijk, *Los Anarco-Bolcheviques Rioplatenses. 1917-1930*, Buenos Aires, CeDInCI Editores, 2013. Esta obra foi originalmente defendida como uma tese de doutorado na Unicamp, Brasil.

¹³ Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos. O Breve Século XX. 1914-1991*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995, p. 61.

¹⁴ Alexandre Samis, “O Anarquismo no Brasil”, em: Vários Autores, *História do Anarquismo*, p. 184. Cumpre recordar que havia uma tendência anarquista (ainda que minoritária no Brasil) que pregava a

historiografia ter tratado o PCB de 1919 como ato falho de anarquistas equivocados ou mero antecedente do PCB de 1922, podemos afirmar, com Frederico Bartz, que “o partido de 1919 não pode ser tomado apenas como uma influência de um modelo externo ou como um engano que os libertários cometeram quando miravam o exemplo russo, mas sim como uma forma de tornar mais orgânica e coesa a ação dos militantes”¹⁵.

Algumas publicações surgem no bojo dessas novidades táticas e ideológicas. São livros como *Princípios e Fins do Programa Comunista-Anarquista* de “um grupo do P.C.B.”¹⁶ e *O que é Maximismo ou Bolchevismo*, de Hélio Negro e Edgard Leuenroth, ambos de 1919. O livro de Negro e Leuenroth destinava-se, segundo os autores, “aos trabalhadores do Brasil, a fim de lhes dizer o que é o Bolchevismo ou Maximismo e o ‘Comunismo’ que, numa palavra – é o ‘Socialismo’” e aponta que:

Atualmente na Rússia, conforme a sua constituição, aprovada em janeiro de 1918 pelo 3º Congresso Pan-russo dos Soviets, está estabelecida uma organização política e econômica de transição, que dá aos trabalhadores e soldados, organizados em conselhos (soviets), todo o poder da nação¹⁷.

A brochura de Negro e Leuenroth busca explicar ao trabalhador as mazelas sociais e a necessidade da transição para o socialismo. Mas Astrojildo Pereira já havia sido um dos primeiros a escrever, em 1917, sobre a Revolução de Fevereiro com vários textos favoráveis ao proletariado russo. No ano seguinte, os textos foram reunidos numa pequena brochura intitulada *A Revolução Russa e a Imprensa*¹⁸.

A defesa das duas revoluções russas aparecerá numa série de periódicos espalhados pelo Brasil. No Recife, *Tribuna do Povo* (de Antonio Bernardo Canellas) e *A Hora Social*; em São Paulo, *Alba Rossa* e *A Vanguarda*; *A Razão*, em Bauru; *Spartacus*, no Rio de Janeiro; *A Semana Social*, em Maceió (este também de A. B. Canellas), *O Semeador*, em Belém; *Germinal*, na Bahia; e *Voz do Operário*, em

necessidade da organização especificamente anarquista. Em Malatesta, essa organização chegou a se chamar “partido anarquista”.

¹⁵ Frederico Duarte Bartz, “As Insurreições Operárias na Primeira República (1918-1919): Ideias, Articulações e Projetos Políticos”, *Marx e o Marxismo 2015: Insurreições, Passado e Presente*, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2015, p. 11.

¹⁶ Alexandre Samis, “O Anarquismo no Brasil”, em: Vários Autores, *História do Anarquismo*, p. 184.

¹⁷ Hélio Negro & Edgard Leuenroth, *O Que É Maximismo ou o Bolchevismo. Programa Comunista*, São Paulo, Editora Semente, s/d. Consultamos o original de 1919 na biblioteca anarquista Terra Livre, mas citamos a partir desta reedição.

¹⁸ Edgard Carone, *Classes Sociais e Movimento Operário*, pp. 63-64.

Aracajú¹⁹. No relatório de 1923, Astrojildo Pereira apontaria que alguns desses periódicos – em primeiro lugar, como símbolo do período, *Spartacus* (que era publicação do grupo que formara o PCB de 1919), mas também *Voz do Povo*, *A Vanguarda*, *Tribuna do Povo* e *A Hora Social* – teria caráter anarcobolchevista, defendendo a Revolução Russa, mas sob os princípios do anarquismo²⁰. Mesmo que esse movimento não tenha possuído a mesma profundidade do que ocorreu na Argentina, o anarcobolchevismo pode ser considerado uma das características do curto período que vai de 1917 a 1920. Nas brochuras de divulgação anarquista de Octávio Brandão, há menção constante à importância do processo revolucionário russo.

Ao mesmo tempo, alguns intelectuais, uns mais, outros menos diretamente ligados ao movimento operário, receberão a influência negativa do conflito mundial e positiva da Revolução de Outubro. Nesse cenário, começarão a se agrupar em torno de ideais progressistas. Formam-se grupos como Zumbi, ou o Centro de Estudos Sociais, ou ainda diversos núcleos comunistas e, particularmente, o que se centrará ao redor da versão brasileira da revista *Clarté*, em 1921²¹.

Como dissemos anteriormente, após a derrota dos movimentos grevistas e insurrecionais de 1919 e da intensa repressão que se lhe segue, o movimento operário entrará em profundo refluxo, do qual começará a se recuperar apenas no fim da década de 1920²². Mas a sua marca ficará gravada nos militantes que seguem adiante.

A simpatia inicial dos anarquistas pela Revolução Russa, seguindo a tendência do anarquismo europeu, começa a arrefecer em 1920. Em meados de 1921, teria havido uma série de reuniões dos principais militantes revolucionários do período²³. Certa literatura já embasava as discussões desses militantes, talvez aquela que chegara às mãos de Abílio de Nequete, oriunda dos agrupamentos comunistas da Argentina e do Uruguai. Segundo Astrojildo Pereira, “inúmeros documentos – livros, revistas, jornais – foram lidos e discutidos. E após uma série de ardentes debates, as posições e atitudes se

¹⁹ *Idem*, pp. 81-84.

²⁰ Astrojildo Pereira, “Relatório Geral Sobre as Condições Econômicas, Políticas e Sociais do Brasil e Sobre a Situação do P.C. Brasileiro” dirigido ao Comitê Executivo da I.C., Rio de Janeiro, 1º de out. de 1923. AEL-Unicamp.

²¹ Segundo John Foster Dulles, o grupo *Clarté* brasileiro pouca relação teve com a formação do PC do Brasil, pois, mesmo que Astrojildo Pereira não se contrapusesse ao *Clarté* francês e a seu líder Henri Barbusse, ele desconfiava da idoneidade moral e política de muitos dos fundadores do grupo brasileiro, especialmente Nicanor Nascimento. John W. Foster Dulles, *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977, pp. 141-142.

²² Edgard Carone, *O Marxismo no Brasil*, p. 63.

²³ Astrojildo Pereira, “Relatório Geral Sobre as Condições Econômicas, Políticas e Sociais do Brasil e Sobre a Situação do P.C. Brasileiro” dirigido ao Comitê Executivo da I.C., Rio de Janeiro, 1º de out. de 1923. AEL-Unicamp.

definiram”. Como resultado, uma parte se inclinaria decididamente ao bolchevismo e outra parte permaneceria irredutivelmente ligada ao anarquismo²⁴.

Octávio Brandão: Do Anarquismo ao Marxismo

Voltemos agora nosso foco das práticas do movimento social para o itinerário de uma figura militante. O rompimento de Octávio Brandão com o movimento anarquista e sua adesão ao marxismo de matriz bolchevique se deu em meio a um amplo debate que tomou a militância revolucionária mais ou menos entre 1920 e 1922. Alguns aspectos políticos do período que levou a essa cisão merecem ser recordados.

No caso de Octávio Brandão, sua mudança de posicionamento ideológico foi mais lenta que a dos fundadores do PC do Brasil de 1922. Dois anos antes, Brandão fora um aguerrido militante anarquista e lutara contra a criação de um partido socialista no país²⁵. A partir do primeiro semestre de 1922 suas posições começam a se modificar. Em maio, após a criação do PCB, Brandão apelava na imprensa operária à união de todos os setores do movimento, independente da adesão à doutrina anarquista ou bolchevista. Conforme Edgar Rodrigues, em publicações do jornal carioca *Luta Social*, “Octávio Brandão, depois de uma agressiva campanha contra o ‘bolchevismo russo’, mostra-se indeciso, já com um pé em cada lado”²⁶. Em 1º de maio, ainda reafirmando sua posição libertária, Brandão repetiria a atitude em um longo artigo publicado em *A Voz do Povo* sob o título “Paz Entre Nós, Guerra aos Senhores”. O autor pregava aos libertários: “Anarquistas deixai em paz os bolchevistas; fazei a vossa obra de guerra ao capitalismo; estudaí todos os problemas da reconstrução social”. Aos bolchevistas, apregoava a mesma atitude: “Bolchevistas, deixai em paz os anarquistas; fazei a vossa obra contra o capitalismo; preparai as forças proletárias para a Revolução Social”. E concluía taxativamente: “Nem São Lenine, nem a Santa Anarquia!”²⁷

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Octávio Brandão, “Aos Trabalhadores do Brasil”, *Voz do Povo*, 22 de ago. de 1920, *apud*: Edgard Carone, *Movimento Operário no Brasil (1877-1944)*, São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1979, p. 364.

²⁶ Edgar Rodrigues, *Novos Rumos (História do Movimento Operário e das Lutas Sociais no Brasil/ 1922-1946)*, Rio de Janeiro, Mundo Livre, s/d, p. 60.

²⁷ Octávio Brandão, “Paz Entre Nós, Guerra aos Senhores”, *A Voz do Povo*, 1º de mai. de 1922, *apud*: Edgard Rodrigues, *Novos Rumos*, p. 109. O artigo foi publicado em maio, mas está datado de abril de 1922, segundo a reprodução parcial feita por Edgar Rodrigues. Ao que tudo indica, trata-se de uma publicação em número único por ocasião do 1º de maio, pois *Voz do Povo* foi um diário operário publicado no Rio de Janeiro por Carlos Dias, mas apenas ao longo do ano de 1920.

Segundo a visão retrospectiva das memórias do militante alagoano, ele não teria aderido de pronto ao marxismo e ao bolchevismo por desconhecer a literatura marxista. Por intermédio de Astrojildo Pereira, em meados de 1922, teria conseguido obras de Marx, Engels e Lenin. Aderiu finalmente ao PCB em 15 outubro daquele ano, com cerimônia oficial a 7 de novembro²⁸. Ainda sob o peso da visão retrospectiva, declara Brandão: “em debates e palestras no lar, recebi de Laura a impulsão definitiva”²⁹. A companheira teria, assim, exercido influência para sua adesão ao marxismo e ao comunismo.

Mas no caso da transformação das ideias de Octávio Brandão, quando se observa sua obra no momento de transição do anarquismo ao marxismo, uma das perguntas que se pode colocar é a seguinte: como aquele “filósofo moral”, romântico libertário, torna-se um estrategista político-militar da revolução brasileira? A resposta não é simples e encerra uma diversidade de fatores que se relacionam ao ambiente socioeconômico e político do país; ao desenvolvimento próprio do movimento operário brasileiro e ao movimento comunista internacional; à produção e distribuição editorial do movimento operário, além de outras questões. No entanto, pode-se dizer que essa transformação está diretamente relacionada com o momento político vivenciado pelo país em geral e no movimento operário especificamente, com a literatura bolchevista que chegava ao Brasil, com o contato entre os adeptos do PCB e o Komintern e com o sentido da produção intelectual comunista no período.

Pode-se, de início, notar que, enquanto a reflexão romântico-libertária de Octávio Brandão era perpassada pela ideia de uma “revolução moral e intelectual”, a teoria marxista coloca grande peso na análise da sociedade através do materialismo histórico e do materialismo dialético³⁰. Outrossim, acredita que “a história de toda a sociedade até hoje é a história de lutas de classes”³¹. Segundo Franco Andreucci, no momento de difusão do marxismo da II Internacional ao redor do mundo, o pensamento marxista, sistematizado e vulgarizado, passou a conformar uma tríade doutrinária: luta de classes, interpretação materialista da história e teoria do valor³². Se o pensamento libertário de Brandão apresentava forte raiz cientificista, na cultura política comunista

²⁸ Octávio Brandão, *Combates e Batalhas*, pp. 230-234.

²⁹ *Idem*, p. 234.

³⁰ Edgard Carone, “Literatura e Público”, *Leituras Marxistas e Outros Estudos*, p. 118.

³¹ Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, URSS, Edições Progresso, 1987, p. 35.

³² Franco Andreucci, “A Difusão e a Vulgarização do Marxismo”, em: Eric. J. Hobsbawm *et al.*, *História do Marxismo. II: O Marxismo na Época da Segunda Internacional*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 53.

coloca-se um peso fundamental sobre uma interpretação científica da história. Mas o marxismo do qual se apropriou Brandão passou ainda pelo filtro do clausewitziano Lenin e do que se tornaria o leninismo, uma teoria insurrecional que aponta para a atualidade histórico-mundial da revolução. Nas palavras de György Lukács, abordando o marxismo de Lenin: “portanto, o materialismo histórico tem como pressuposto – já como teoria – a atualidade histórico-mundial da revolução proletária”³³. Nesse sentido, em comparação com a tríade doutrinária do marxismo difundido em fins do século XIX e início do XX, pode-se dizer que a doutrina marxista agregou alguns temas: o imperialismo, a defesa do processo revolucionário russo, a atualidade histórico-mundial da revolução proletária. Como a característica principal da produção intelectual de Octávio Brandão nos anos 1920 foi a escrita de textos de caráter didático de vulgarização da teoria marxista, pode-se dizer que uma de suas motivações centrais era preparar a base do partido para a revolução em curso.

Mas a apropriação feita pelos primeiros comunistas da literatura de cariz “leninista” não se dá sobre um papel em branco. Dois aspectos apontam para uma apropriação das ideias bolchevistas num ambiente em que se respirava a estratégia insurrecional. Em primeiro lugar, nota-se que os fundadores e aderentes do PCB nos anos 1920 foram militantes forjados e/ou experimentados nas lutas operárias do período 1917-1919, momento em que parcela importante do movimento operário de inspiração anarquista se encaminhava para a estratégia revolucionária, cujo marco será a malfadada tentativa insurrecional de novembro de 1918, em que militantes como José Oiticica, Astrojildo Pereira e José Elias acabam presos. Esse evento marcou profundamente a militância libertária. Teria sido ao tomar conhecimento, em Maceió, da derrota da insurreição, que Octávio Brandão escrevera os versos de “Gritos d’Alma”: “Vós podereis soltar um grande riso largo/ Um riso universal, infinito, profundo/ Mas não deveis dormir pois o nosso ódio amargo/ Abalará a terra, abalará o mundo”³⁴. Para aqueles que vão aderir ao bolchevismo, um dos aspectos fundamentais para a tomada dessa decisão foi o balanço realizado sobre as derrotas dos movimentos do período 1917-1919, quando parcela do insucesso foi atribuída à doutrina e estratégia anarquistas.

³³ György Lukács, *Lenin: Um Estudo Sobre a Unidade de Seu Pensamento*, São Paulo, Boitempo, 2012, p. 31.

³⁴ Octávio Brandão, “Gritos d’Alma”, em: Laura Brandão & Octávio Brandão, *Poesia*, org. de Dionysa Brandão Rocha, Rio de Janeiro, D. Brandão Rocha, 2000, p. 248.

Deve-se notar, outrossim, o cenário de crise geral que se desenvolve nos anos 1920, resultando afinal na revolução de 1930 e cujo desenvolvimento passará por um quadro amplo de contradições internas à elite brasileira e descontentamento dos setores médios dessa sociedade. O ambiente conflituoso abriu espaço para o surgimento de uma fração radicalizada das classes médias que demonstrarão todo seu descontentamento por meio das tentativas revolucionárias de 5 de julho de 1922, 5 de julho de 1924 e, finalmente, pela formação da Coluna Prestes-Miguel Costa. Como apontou Marcos Del Roio, “o fato é que os sujeitos sociopolíticos que se formavam nas fissuras cada vez maiores da dominação oligárquica, no decorrer dos anos [19]20, se configuravam em torno de alguma concepção de revolução”. Essa tomada de posição se desenvolvia num quadro sócio-histórico em que:

Estavam em discussão os rumos históricos do país, sua identidade, sua institucionalidade e também o lugar das diversas forças sociais nesse momento de se defrontar com a realidade posta pela modernidade capitalista que se gestava no Brasil em meio à mais dramática crise que o Ocidente liberal jamais enfrentara³⁵.

Em *Revoluções do Brasil Contemporâneo*, o historiador Edgard Carone chamaria o período 1922-1927 de “a revolução ascendente”³⁶.

Deve-se recordar ainda que, no curso do movimento de 1924, militantes anarquistas teriam divulgado seu apoio ao movimento e se apresentado ao General Isidoro Dias Lopes para tomar parte nas batalhas, com a condição de que formariam uma milícia independente e autônoma. Como a condição foi recusada, receberam a negativa do general³⁷. Não é algo fortuito que o livro de Octávio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo*, considerado a primeira interpretação marxista sobre o Brasil, seja uma análise do processo revolucionário de julho de 1924.

Por meio da apropriação do ideário bolchevista conjugada ao ambiente político brasileiro, o primeiro núcleo dirigente comunista cunhará o discurso de que a Revolução Russa configurava a Revolução Mundial no setor russo e, portanto, ela deveria se espalhar para outros setores, como o brasileiro. Como apontamos no capítulo 1, a

³⁵ Marcos Del Roio, “A Teoria da Revolução Brasileira: Tentativa de Particularização de uma Revolução Burguesa em Processo”, em: João Quartim de Moraes & Marcos Del Roio (orgs.), *História do Marxismo no Brasil*, vol. 4: *Visões do Brasil*, Campinas, Editora da Unicamp, 2007, p. 76.

³⁶ Edgard Carone, *Revoluções do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, DESA, 1965.

³⁷ Carlo Romani, “1924: O Silenciamento da Memória Operária”, *Letralivre. Revista de Cultura Libertária, Arte e Literatura*, ano 10, n. 42, 2005, pp. 18-19.

primeira literatura recebida provinha, sobretudo, de autores soviéticos, ou tratava especificamente da Revolução de 1917. Dessa forma, a visão desses autores será a compreensão dos primeiros comunistas do que era o marxismo.

Para compreendermos a transformação pela qual passa o pensamento de Octávio Brandão é preciso notar ainda alguns pontos das modificações político-organizativas propostas pelo comunismo bolchevique nos anos 1920. A seção brasileira da Internacional Comunista teve seu estatuto aprovado no congresso fundacional de março de 1922, mas a estrutura partidária clássica dos partidos comunistas foi definida no segundo congresso, em 1925, em meio às discussões que envolveram a diretiva organizacional da “bolchevização”, surgida na direção kominterniana em 1924. Mas do que se tratava a bolchevização? É preciso, para respondê-lo, observar as transformações políticas e organizativas do Komintern. Na visão estratégica kominterniana, a perspectiva revolucionária vai sendo progressivamente substituída pelo projeto de transformação dos partidos comunistas. Nessa evolução, a bolchevização dos PC se torna uma das principais palavras de ordem da Internacional Comunista a partir de 1924. Ela foi lançada no V Congresso (1924) e confirmada no 5º Pleno do Comitê Executivo da Internacional Comunista, em 1925, consagrado justamente a definir em suas teses o que se entendia por bolchevização³⁸.

Como aponta Serge Wolikow, é preciso observar o contexto em que essa palavra de ordem é lançada. Por um lado, surge logo após a derrota da revolução alemã. Cinco anos após a formação da Internacional Comunista, nenhum partido filiado conseguira ainda a conquista do poder como fizeram os bolcheviques. Por outro lado, conjuga-se a esse contexto a polêmica entre os líderes do partido bolchevique. O grupo dirigente formado por Zinoviev, Kamenev e Stálin é criticado por Trotsky no funcionamento do Partido Comunista da União Soviética. O grupo responde às críticas reclamando o “bolchevismo”, recordando, desse modo, o passado menchevique de Bronstein.

Ao se dizer “bolchevização”, invoca-se o partido bolchevique de outubro de 1917, mas, “em relação a esse ponto, é de fato o Partido Comunista (bolchevique) da União Soviética de 1924 que serve de referência, aquele onde os debates contraditórios e públicos são banidos das instâncias dirigentes, onde a unanimidade é a regra”³⁹. Inicia-se, assim, um processo que transforma a fisionomia dos partidos comunistas. Propõe-se, como vimos, uma nova estrutura aos PC fundada sobre os grupos de base, as células, que

³⁸ Serge Wolikow, *L'Internationale Communiste (1919-1943)*, p. 76.

³⁹ *Ibidem*.

devem agrupar os aderentes sobre seu local de trabalho e não mais sobre o local de residência. Reestruturação feita a partir da direção kominterniana, “os novos estatutos tipo, elaborados pela Internacional Comunista, definem nos menores detalhes o funcionamento dos partidos comunistas”⁴⁰.

O II Congresso do PCB tratará de observar esses estatutos tipo e adaptá-los parcialmente ao ambiente brasileiro. É a partir, portanto, deste congresso, realizado nos dias 16, 17 e 18 de maio de 1925, que se estabelecerá a organização clássica do partido, primeiro a título provisório, depois ratificado no III Congresso (1928-1929).

A estrutura organizativa comunista, com uma direção densamente centralizada, rígida hierarquia e ramificação na base das células só pôde se desenvolver lentamente, mas conformou parte fundamental da cultura política comunista. Conjugando-se à estrutura desses batalhões do “exército mundial da revolução”, é forçoso notar, conforme assinalamos no capítulo anterior, que a leitura desfrutava de centralidade no projeto comunista. A formação de uma teoria da revolução brasileira passava pelo conhecimento da história e estrutura social dos países onde atuavam as seções nacionais do Komintern. A construção de uma visão do Brasil era, assim, determinada pelo objetivo de preparar a trincheira brasileira da revolução mundial.

Portanto, dois aspectos são fundamentais para a compreensão da recepção do marxismo de matriz bolchevista no Brasil: 1) O contato com os órgãos do Komintern (ainda que dificultado pelas distâncias e por outros fatores que afetavam a comunicação) foi determinante para a construção de uma interpretação do Brasil; 2) A estrutura do partido comunista, mesmo que se desenvolvendo aos poucos, determinava um sentido geral para a produção de ideias entre os dirigentes.

Considerações Finais

Com esse conjunto de reflexões não busquei, de forma alguma, apresentar respostas definitivas, talvez nem mesmo satisfatórias, acerca da questão que envolve as relações entre marxismo e anarquismo. Procurei tão somente levantar algumas questões e testar um par de hipóteses. Acima de tudo, o objetivo é o de apostar em um outro ângulo de apreciação do debate que vá além, por um lado, das acusações mútuas entre partidários de uma das tradições políticas (marxista e anarquista) e, por outro, de uma investigação pautada exclusivamente nos grandes debates que absorveram os

⁴⁰ *Idem*, pp. 76-77.

agrupamentos políticos. Destarte, o que se apresenta, seguindo, com efeito, os passos de Michael Löwy e Olivier Besancenot, é uma constelação de dados e fatos que, espero, sirvam de pistas e propulsores à investigação acerca das relações entre as duas grandes famílias revolucionárias do século XX, o marxismo e o anarquismo.